



*Kardec é Razão*



**KARDEC É RAZÃO**  
**O MESTRE, O PROFESSOR E O ALUNO**

Capivari-SP  
- 2013 -

*Distribuição*



Caixa Postal 1820 – CEP 13360-000 – Capivari – SP  
Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449  
vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 300 títulos, onde você encontra as melhores opções de literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens, romances palpitantes, cursos e estudos esclarecedores, bem como obras relacionadas à dependência química, com relatos pessoais e textos sobre tratamento e prevenção ao uso de drogas.

Caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

WILSON GARCIA

**KARDEC É RAZÃO**  
O MESTRE, O PROFESSOR E O ALUNO

EDIÇÃO ESPECIAL  
COMEMORATIVA DO  
CENTENÁRIO DE  
J. HERCULANO PIRES

Edição conjunta  
Eldorado/EME/USE/Paideia

© 2013 Wilson Garcia

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

2ª edição – novembro/2013 – 1.000 exemplares

CAPA | Gente & Arte

DIAGRAMAÇÃO | Gente & Arte

REVISÃO | Izabel Braghero

Tânia Tourinho (colaboração)

Ficha catalográfica elaborada na editora

Garcia, Wilson,

Kardec é razão – O mestre, o professor e o aluno / Wilson Garcia. (1ª edição, 1998 – edições USE) – 2ª ed. nov. 2013 – Capivari, SP : Editora EME.

192 p.

ISBN 978-85-66805-17-1

1. Espiritismo 2. Kardec, Allan, 1804-1869.
3. Pires, J. Herculano, 1914-1979. I. TÍTULO.

CDD 133.9

## SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Explicação.....	15
Abrindo o diálogo.....	17
1 - Uma visão científica do Espiritismo .....	19
A Parapsicologia de Rhine.....	24
2 - A Educação do conhecimento e da moral .....	35
3 - O centro espírita como <i>point d'optique</i> do movimento.....	47
Para entender de disciplina no Centro.....	62
A questão da criança no Centro Espírita.....	65
Conceituação e prática da mediunidade no Centro.....	71
Sessões espíritas .....	89
Concentração mediúnica .....	90
A vidência merece cuidados .....	91
Refletindo sobre a mediunidade nos animais.....	92
Os Elementais .....	94
Kardec, médium geral .....	95
Curas e obsessão .....	95
Centros, Federativas e movimento espírita .....	107
A questão da caridade no Centro Espírita .....	111
Cidadania e participação política.....	113
Conhecendo os fins para entender os meios e as práticas...	115
4 - Do centro da nova realidade	
brota a Religião Espírita .....	123
5 - Ante a vida e a morte, uma visão filosófica da experiência...	143
A caminho da visão cósmica.....	151
Do sexo à poesia e o destino do belo .....	158
O ser diante da vida e da morte.....	165
O oceano não cabe na ânfora de argila.....	167

6 - A voz da razão que clama num	
deserto de sons e silêncio.....	171
Bibliografia .....	183
Índice remissivo .....	185



## PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO

### HERCULANO E WILSON

Wilson Garcia faz parte da família espiritual de Herculanano. Graças à sintonia existente entre os dois espíritos, o desencarnado e o encarnado, Wilson compreende Herculanano. Foi com muita alegria que recebi o livro de Wilson sobre o pensamento de papai. Como esperava, Wilson foi muito feliz na escolha dos trechos principais do trabalho de Herculanano.

No primeiro capítulo, faz uma comparação interessante sobre os dois grandes amores de Herculanano, Virgínia e o Espiritismo. Herculanano soube dividir a atenção entre duas famílias, a nuclear e a universal, entre duas esposas, Virgínia e a Doutrina Espírita. Atencioso, amoroso, dedicado, o espírito que, nessa última encarnação recebeu o nome de José Herculanano Pires, realizou um trabalho de gigante, deixando oitenta e quatro obras de valor reconhecido e conseguindo ainda expressar-se como excelente esposo, pai, jornalista, expositor espírita, filósofo, irmão e filho. Foi um gênio; mas o mais importante na vida desse espírito foi a humildade, o exemplo de amor e de transcendência social, espiritual e moral. Wilson capta bem a essência do trabalho do professor, que é como nomeia o querido escritor, ou, como diz Emmanuel através de Chico Xavier: “o metro que melhor mediu Kardec” e “a maior inteligência contemporânea espírita”.

Discordei de Wilson apenas em um ponto: Herculano não deixou uma aposentadoria pequena, mas uma grande herança de amor e retidão moral. Virgínia doa todas as traduções de Herculano (espíritas) porque não quer ganhar dinheiro com o trabalho, que é de Kardec. O exemplo do papai fala bem alto aos nossos corações, e a sua vivência melhorou a todos que entraram em contato com o professor, como diz Wilson.

Wilson compreende a importância, representada por Herculano, do papel dos pais na educação do reencarnado; baseado na pergunta 208 de *O Livro dos Espíritos*, Herculano faz um trabalho bonito:

– Mas os pais podem modificar o espírito dos filhos (educá-los)?

Essa é a tarefa dos pais.

A análise do professor sobre o papel do Centro Espírita, na educação do ser, é também lembrada por Wilson: “o Centro Espírita é o elemento indutor à formação de indivíduos úteis”. Mas Wilson diz que o professor quer mais, a educação espírita deve atingir as escolas, chegando às Universidades (não é o que está acontecendo com a Verdade, que se propaga no cinema, na televisão através de vários rótulos?).

A apresentação do pensamento de Herculano sobre o Centro Espírita é excelente.

O Centro é considerado o mais importante movimento de quantos ocorreram para a transformação social indispensável à Terra. O professor, lembra Wilson, explica que: “É o ponto visual de convergência de todo produto espírita”.

A simplicidade que Herculano exemplificava, como discípulo fiel de Kardec, é bem compreendida por Wilson, principalmente na apresentação da necessidade dos centros espíritas permanecerem pequenos, o que atenua ambição e vaidade dos seus dirigentes.

Interpretando o pensamento de Herculano sobre o fenômeno mediúnico, exposto pelo professor no seu livro *Mediunidade, Vida e Comunicação*, Wilson explica a importância da mediunidade, inclusive a estática, como diria o professor, como fonte de inspiração; a mensagem é expressa através do trabalho do indivíduo que, aparentemente, não é médium.

Lembrando Herculano, o escritor Wilson chama a atenção para a necessidade de encararmos a mediunidade como fato natural; o médium, conseqüentemente, é apenas um instrumento de trabalho do mundo espiritual e não deve receber curvaturas e honrarias dedicadas, nos horizontes primitivos e oracular, a indivíduos então considerados especiais. O Espiritismo veio colocar os pontos nos "ii", e não podemos entender como os espíritas continuam a endeusar os médiuns, provocando-lhes quedas terríveis. Preocupam-se mais em divulgar os médiuns do que a Doutrina Espírita. Já é hora de uma mudança nesse sentido. "Santinhos" de médiuns devem deixar de existir na casa espírita. Raros médiuns conseguem, como Chico Xavier e mesmo Divaldo Pereira Franco, resistir à vaidade.

Wilson demonstra a importância que Herculano dava ao fenômeno mediúnico; bastaria lembrar as palavras do livro *A Gênese*, de Kardec, que explica: "a mediunidade é para o mundo dos Espíritos o que o telescópio é para o mundo das estrelas e o microscópio para o mundo do infinitamente pequeno".

E pensar que alguns espíritas desavisados e ignorantes da Doutrina dos Espíritos tentaram criar o Espiritismo ateu, sem espíritos, sem Jesus, sem preces e sem Evangelho. Seria realmente o fim de nossas possibilidades de apagarmos um passado de incompreensão do Cristianismo, entendendo e praticando o Espiritismo; seria ter que recomeçar em condições mais difíceis. Felizmente, a maioria estava firme

na compreensão da importância de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e dos livros básicos da Doutrina Espírita.

O problema do auxílio do corpo na expressão do encarnado e portanto do indivíduo dependente do corpo para sua expressão na Terra é bem lembrado por Wilson. A mediunidade é faculdade, também, mas não apenas orgânica, porque depende em sua expressão do físico do reencarnado. Todos os dons, porém, como diria Paulo de Tarso, são do espírito. Corpo e perispírito são apenas instrumentos de trabalho, como Wilson consegue apreender no trabalho de Herculano Pires.

Entendendo bem a Doutrina Espírita, Wilson compreende Herculano e lembra a explicação do professor sobre o perigo que o médium solitário, que não frequenta uma casa espírita, humildemente colocando-se como instrumento do mundo espiritual corre, pois pode expressar-se “como um barco à deriva”. O médium deve, lembra Wilson, estar inserido na sociedade.

Wilson interpreta com propriedade o pensamento de Herculano sobre a mediunidade das crianças e a impossibilidade do fenômeno mediúnico nos animais irracionais.

Com a mesma propriedade é apresentado o problema da cura na casa espírita, que deve visar, como interpreta Wilson, o homem integral, o desenvolvimento moral.

“A Medicina Espírita não é uma aplicação pura e simples da mediunidade curadora ... é uma aplicação dos princípios espíritas no plano cultural”, explica Herculano, e diz Wilson: “o pensamento (de Herculano) aparece aí com todo o seu conteúdo, clareza e lógica”.

Wilson analisa com propriedade o fato de o Espiritismo ser Religião: “uma Religião cuja base moral é o Cristianismo do Cristo...”. Wilson compreendeu bem o pensamento de Herculano na apresentação da Religião Espírita. Herculano apresenta o triângulo divino de Emmanuel, em *O Espí-*

*rito e o Tempo*: ciência, filosofia e religião, os três aspectos do Espiritismo.

Wilson analisa ainda o pensamento de Herculano sobre a misericórdia e amor da Inteligência Suprema do Universo, Deus; sobre o *Mistério do ser ante a dor e a morte* e sobre outros aspectos importantes da obra de José Herculano Pires.

Não posso, no meu entusiasmo, escrever um livro interpretando Wilson interpretando Herculano. Mas bem que gostaria.

O pensamento de Herculano, na visão lúcida de Wilson Garcia, produziu um livro que facilitará o trabalho dos expositores espíritas, facilitando a coletânea das conclusões importantes desse grande autor de obras espíritas e não espíritas; desse exemplificador da vivência espírita, desse homem especial que foi José Herculano Pires, meu querido pai na última encarnação.

Uma bela homenagem, Wilson, a quem tanto fez pela compreensão da Doutrina Espírita. Parabéns...

*Heloisa Pires*

São Paulo, 27/09 /97.



## EXPLICAÇÃO

Ao preparar este livro, tive um objetivo claro: facilitar ao estudioso do Espiritismo o acesso ao pensamento de J. Herculano Pires, pela importância que tem para a compreensão da Doutrina. Cumpro, com isso, um antigo desejo, que nos últimos tempos me vinha tomando de assalto com insistência.

O leitor perceberá, de imediato, que o pensamento de Herculano Pires aparece com recuo e em tipos itálicos, podendo, pois, ser lido com facilidade. Ao final de cada transcrição aparece, em romanos, a indicação da obra em que foi localizada. Indo à bibliografia o leitor ficará sabendo o título da obra e me perdoará, tenho certeza, por não dar a página exata em que está inserido. É simples a razão: dos mais de 260 textos que selecionei, utilizei nada menos de 252. As transcrições dariam, só elas, um belo volume de mais 100 páginas.

Para maior tranquilidade ainda, incluí ao final do livro um “índice por assunto dos pensamentos de Herculano Pires”, desejando permitir ao interessado localizar rapidamente os textos do professor. Desde já, fica o leitor informado de que este livro não tem nenhuma intenção de ser bibliográfico e muito menos biográfico. Trata-se, apenas, de uma interpretação livre do pensamento de Herculano Pires, colhido em boa parte das obras que escreveu.

Para esta edição especial de comemoração do Centenário de Nascimento de J. Herculano Pires fiz uma revisão geral do texto, de modo a ajustá-lo à realidade atual. Promovi a eliminação de conceitos equivocados, procurei dar mais clareza aos trechos obscuros, contudo, mantive todos os textos colhidos nas obras de Herculano Pires e, inclusive, mantive a mesma bibliografia da primeira edição.

O autor



## ABRINDO O DIÁLOGO

Kardec é o mestre, Herculano, o professor! Estudar com o professor significa conhecer o mestre e sua doutrina. O professor está integrado com Kardec, e seu desafio é retirar das águas profundas da doutrina o conhecimento, interpretá-lo e oferecê-lo aos alunos. Nisto, poucos conseguiram tanto sucesso quanto Herculano, porque poucos estiveram tão integrados à matéria espírita quanto este professor. Dos textos de sua extensa obra aflora um pensamento universal, adquirido ao longo de intensos estudos da cultura do mundo, onde sobressaiu a filosofia kardeciana. Seu pensamento era universal, como o é o da Doutrina, que motivou sua vida inteira e que fez dele um baluarte do ideal dos Espíritos Superiores, que ditaram a Codificação.

O professor compreendia a Doutrina Espírita como um conhecimento sem fronteiras, sem limites, que se estendia para além dos horizontes das obras da Codificação e alcançava a cultura do mundo. Não se pode – fez questão de afirmar – entender o Espiritismo na atualidade apenas nos livros de Kardec.

A doutrina está entranhada na história da humanidade; está conjugada com a cultura geral. Mas as palavras do professor, lidas assim em separado, costumam enganar os alunos desatentos e levá-los a interpretações equivocadas. Por isso, torna-se preciso exigir do aluno atenção, muita

atenção! É o que procuraremos ter, doravante. Vamos passar por seus estudos e pensamentos de uma forma calma, mas desperta; agiremos como a preguiça, que se move lenta e pesadamente, mas tem esperança de chegar ao seu destino. Porém, com relação aos olhos, tomá-lo-emos emprestados ao lince, a fim de enxergar à distância incomensurável. Quanto ao bom-senso, de que também precisamos, tomá-lo-emos de René Descartes, que Herculano considerou um precursor da Doutrina Espírita.

Vamos, pois, à aula!

## CAPÍTULO 1

### UMA VISÃO CIENTÍFICA DO ESPIRITISMO

O professor é um idealista. Herculano mostra, em todo o seu pensamento, uma amizade profunda com a Doutrina Espírita, dessas amizades que costumam causar inveja aos amigos e ciúmes à família. Quem tem um ideal e o ama de fato sabe o que se passa na alma de um idealista. O professor casou-se com dona Virgínia para cumprir um destino previamente traçado; a família foi-lhe uma realização no plano das experiências terrenas. Ele precisava da família, como esta dele. Mais tarde, porém, quando conheceu dona Doutrina, aproveitou as brechas de uma legislação humana falha e amasiou-se com ela, vivendo por muitas décadas uma bigamia saudável. Foi a experiência no plano do intelecto. Herculano precisava da Doutrina, como esta dele. A cumplicidade desses dois casais de um só amante também se passou em planos bem distintos. Dona Virgínia deveria cumprir o papel humano da esposa diante dos problemas da vida, enquanto que a convivência com dona Doutrina resolveria a necessidade do homem, de enfrentar os graves problemas do conhecimento, da cultura, ingredientes, enfim, que costumam assentar as bases de uma dignidade perfeita. Esposas diferentes para compromissos distintos. Uma humana e exigente, outra passiva, mas indiscutivelmente

viril. Amou-as tanto e com tal zelo, o professor, que quando a morte deseducada tomou-lhe o corpo e o levou para a sepultura, deixou-as, ambas, desoladas. Para a primeira, ficou uma parca pensão previdenciária e todas as saudades do mundo; para a segunda viúva, deixou o pensamento imortalizado nas páginas de uma obra que não tem preço.

Falemos, portanto, da segunda viúva; da primeira cuidará melhor o seu atrasado biógrafo!<sup>1</sup>

*Allan Kardec nasceu a 18 de abril de 1857, em Paris. Sua certidão de nascimento não foi passada em cartório, mas impressa nas oficinas do editor Didier e exposta ao público na sua livraria. Cada cidadão que adquiria um volume da nova obra, tomava conhecimento da existência de um novo escritor que surgia do longínquo passado gaulês: o sacerdote druida Allan Kardec, então reintegrado na vida moderna da antiga e misteriosa pátria. (XXX)*

Kardec nasceu com a Doutrina. Denizard foi buscar na história um nome para substituir aquele que trazia do berço, dentro de uma expectativa grandiosa de futuro para o conjunto de conhecimentos que o arrebatará. Criara termos novos para definir a Doutrina e desejou que o seu responsável fosse também um nome novo no meio literário mundial, a fim de que os homens pudessem apreciar com maior liberdade as novas ideias, sem precisar ligá-las a sua figura, bastante conhecida. Chamava-se, então, Denizard Hippolyte Léon Rivail.

Considerou-se simples organizador desses conhecimentos; quis, pois, garantir ao leitor a procedência deles. Herculano compreendeu, de imediato, essa posição não apenas

---

<sup>1</sup>A primeira edição deste *Kardec é Razão* foi publicada em 1998. A biografia *J. Herculano Pires, o apóstolo de Kardec*, escrita por Jorge Rizzini, foi publicada, apenas, em 2002.

ética do mestre, mas, acima de tudo, de respeito à origem espiritual dos conhecimentos. O nome Allan Kardec surgiu, aos olhos do mundo, sem presente nem passado; não tinha, portanto, uma carga cultural que pudesse servir, aos futuros críticos, de razão para condenação de qualquer parte da Doutrina. Denizard era um conhecido pedagogo, com ideias próprias e projeção social inquestionável. Kardec era só um nome, nada mais!

Mas Herculano o vê nas gálias e além delas, e com tal envergadura intelectual e moral que empreende grandes esforços para mostrá-lo ao mundo. Sente-o, o professor, no mais fundo de sua alma; desenvolve com ele uma afinidade tão íntima a ponto de lançar-se com força em sua vasta obra e seguir todos os fios que dela partem, a fim de conhecer as milhares de ligações que a doutrina mantém com a cultura do mundo. São milhares de milhões, de fato, esses fios: a Doutrina é um organismo vivo, dinâmico, cujo coração é a verdade cósmica, universal, aquela que explica a vida e o mundo em todos os setores. Isso revela sua ligação com todos os ramos do conhecimento conhecidos e por conhecer. É preciso um esforço sobre-humano para alcançar todos os campos onde a Doutrina vai desembocar e de onde, ao mesmo tempo, retira os ingredientes para sua sobrevivência. Mas todo organismo tem suas artérias principais e as menores. O professor seleciona-as e não se importa com as especialidades de cada uma delas; ou melhor, importa-se e de tal forma que procura adquirir, antes de internar-se nelas, o conhecimento básico para entendê-las.

Em meio a esse corpo fantástico, inteligente e sábio, Herculano se conduz como um aluno diante do mestre, mas é, na verdade, um professor junto ao sábio. E assume esse papel com sincera compreensão: vai à ciência, onde os próprios pesquisadores afeitos ao terreno costumam andar com imensos cuidados, e sente-se em sua própria terra.

Transita aí de um espaço a outro, com a desenvoltura de quem devera ter-se preparado anos a fio, para, de suas profundezas, dizer:

*A figura de Kardec continua suspensa sobre o panorama científico atual como orientador indispensável dos novos caminhos do conhecimento, na rota cósmica das constelações.* <sup>(x)</sup>

Pode parecer, ao estudioso principiante, como ao crítico preconceituoso, que a fala do professor deixa escapar uma ponta de fanatismo ou, quem sabe, um certo conteúdo obsessivo. A verdade, contudo, é outra. Herculano navega nas águas da cultura mas, por causa do fluxo e refluxo da maré cultural, vem dar sempre na praia espírita, onde, para ele, está a síntese do conhecimento do mundo. E não pode ficar mudo diante desta realidade. Eis porque o mestre reponta sempre de sua pena como o homem que esteve à frente de seu tempo. Victor Hugo contentava-se em ser filho do seu século; Kardec foi filho de todos os séculos, os passados e os futuros. O professor entende isso com precisão, a mesma precisão que entende seja passada a seus alunos, para que possam, também, sobrepor-se à cultura de sua época e enxergar além do horizonte que sua carga cultural permite.

Longe de assustar-se, ou mesmo perder-se, no terreno científico, Herculano o enfrenta com coragem, com o principal objetivo de acompanhar seus avanços e demonstrar como e porque o Espiritismo nele se embasa e dele retira a comprovação de suas teses. Essa forma de agir é própria do homem universal, capaz de comportar-se segundo a visão ampla que possui do mundo; um tipo de ser ainda raro, na Terra. O professor é um seu representante legítimo. Enquanto a maioria se apegava a este ou aquele ângulo doutrinário, simbolizado no triângulo emanuelino, e aí constrói sua cátedra, Herculano viaja pela ciência, pela filosofia e pela

religião, plenamente consciente de que o homem não pertence senão a si mesmo, e sua estrada é a rota cósmica das constelações. O professor não faz afirmações a esmo, não é fanático nem está sob pressões externas insuportáveis. Quando afirma que a “figura de Kardec continua suspensa sobre o panorama científico atual”, parte de uma constatação inequívoca: os conhecimentos por ele codificados e interpretados continuam antecipando um futuro do qual ainda está distante a ciência de hoje. Ao deixar isto claro, Herculano põe em jogo todo o peso de sua respeitada condição de filósofo e escritor premiado, cujo talento foi reconhecido pelas mais altas figuras da intelectualidade brasileira. Surpreendido com o monumento cultural que tinha diante de si, Mário Graciotti<sup>2</sup> perguntou:

*De que distâncias, de que regiões, de que épocas virá esse espírito, que se instalou na engrenagem somática de um dos mais curiosos fenômenos intelectuais do Brasil nascente, o poeta, o jornalista, o escritor, filósofo Herculano Pires? <sup>(v)</sup>*

O mesmo Graciotti responde, num texto belíssimo e ao mesmo tempo cheio de admiração pela figura generosa e admirável de Herculano Pires:

*De um bairro simples do nosso amado Planalto Paulista, que se chama Vila Clementino, a pouca distância da Serra do Mar, ouvimos a insistente voz de Herculano Pires. Não diríamos “voz profética” para que a poeira das estradas materiais não*

---

<sup>2</sup> Mario Graciotti foi uma das maiores expressões intelectuais do país. Escritor de obras reconhecidas pela crítica e pelo público, entre as suas grandes iniciativas, criou em 1943 o “Clube do Livro”, o primeiro a funcionar no País, onde editou e publicou, a preços acessíveis, inúmeras obras, entre elas o livro *Barrabás, o enjeitado*, de J. Herculano Pires.

*contamine a quimera desse estranho, fértil, extraordinário trabalhador da Metafísica. É uma voz humana, impregnada de bondade, inteligência e compreensão, que fala, fala, seguidamente, há 30 anos! Que deseja Herculano Pires com a sua sincera e notável obra? Simplesmente isto: que nos debrucemos sobre nós mesmos; que analisemos os fenômenos da psicologia e da parapsicologia; que ouçamos as vozes eternas e imutáveis da Caridade e do Amor; que nos afastemos das gambiarras mistificadoras das falsas luzes, que em nome de teses amputadas pretendem desorientar as nossas almas; que procuremos, pelos caminhos situados além da impotente Física, a suprema razão das razões supremas!* <sup>(v)</sup>

## A PARAPSIKOLOGIA DE RHINE

O entusiasmo do professor com o avanço dos conhecimentos científicos no campo da metafísica era evidente, especialmente porque esse avanço, ao tempo em que desdobrava a Metapsíquica do professor Charles Richet, contribuía para assentar, ainda mais, o Espiritismo, comprovando suas teses. Ele se lançou aí, com grande esperança, quando Joseph Banks Rhine e sua esposa apresentaram ao mundo a Parapsicologia, mas sustentou-se neste terreno por muito mais tempo que talvez tenha pretendido, em virtude daquilo que ele mesmo denunciou:

*A Parapsicologia tem sido vítima desses aventureiros, que o povo não sabe distinguir dos investigadores e dos estudiosos honestos.* <sup>(1)</sup>

Entre os que se infiltraram no seio da Parapsicologia estava um grupo de padres espertos e mal-intencionados, cuja função básica era utilizar esses estudos para denegrir o Espiritismo. O professor se insurgiu contra essa turba de



enganadores e tornou-se, naturalmente, um pilar na divulgação, no Brasil, da verdadeira ciência parapsicológica, especialmente no meio doutrinário espírita. Ao mesmo tempo, combatia com veemência a má informação difundida por parapsicólogos de batina. Herculano cumpria funções aí bem claras, importantes e necessárias. De um lado, esclarecia o meio doutrinário, alvoroçado com notícias desabonadoras, mas também de certa forma incapacitado de compreender a posição e os preceitos parapsicológicos. É curioso verificar como basta uma simples hipótese para tirar do rumo movimentos sociais bem assentados, como é o caso do movimento espírita. É neste instante que se descobre a importância de lideranças preparadas, pois lhes cabe a ingente tarefa de manter o rumo através do esclarecimento objetivo dos fatos. Herculano foi, enquanto aqui viveu, esta liderança incontestada. Quando os padres surgiram, com toda a força que o clero ainda dispõe em nossa pátria, utilizando-se da mídia e fazendo afirmações mentirosas que pareciam explicar os fenômenos espíritas e atirá-los ao chão gelado, numa ação de quem destrói todo um edifício bem construído, o movimento espírita agitou-se, perplexo. O professor saiu, então, a campo. Antes, estudou com profundidade o assunto para, a seguir, explicá-lo com precisão ao povo.

*Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos naturais, de ordem psíquica e psicofisiológica.* <sup>(1)</sup>

Esta atitude teve o condão de reequilibrar o movimento espírita. Ao mesmo tempo que lhe oferecia meios de atualizar-se e compreender o avanço científico, Herculano demonstrava objetivamente os pontos em que aquela disciplina tocava no Espiritismo. Dessa demonstração ficou evidente, sempre – e não porque o desejasse o professor, mas, sabia-o, porque era a verdade – que em nenhum ponto

a Parapsicologia contrariava o Espiritismo. Antes, naquilo em que pudera avançar, a nova ciência confirmava a fenomenologia doutrinária. Por força das circunstâncias, a Parapsicologia caminhava lentamente e tinha, portanto, muito o que progredir para atingir tudo aquilo que a Doutrina Espírita já havia estudado, e Kardec, com sua metodologia, confirmado. Isso, porém, é apenas uma questão de tempo. Os padres e mais aqueles que, devido à sua carga do passado, a eles se ligavam, podiam prosseguir no seu objetivo inglorio. O professor diria, como quem demonstra novamente o que já houvera sido demonstrado:

*A conclusão de Rhine é decisiva: “A mente possui uma força capaz de agir sobre a matéria. Produz sobre o meio físico efeitos inexplicáveis por qualquer fator ou energia conhecidos pela Física”.<sup>(1)</sup>*

Para o professor, a Doutrina Espírita tem tudo a ganhar com as pesquisas científicas. Esta visão o levava, inclusive, a compreender a posição do pesquisador honesto, que, às vezes, avançava em conclusões contrárias à verdade clara para o Espiritismo ou, então, aparentava ser demasiado lento no seu trabalho, despertando suspeitas daqueles que, aceitando as teses espíritas, desejavam vê-los confirmando-as rapidamente. Herculano, então, assume a atitude compreensiva do homem experimentado, para proteger o pesquisador e, acima de tudo, a continuidade do trabalho científico. Sabe ele, no fundo, que tudo converge para a comprovação dos fatos espíritas, mas entende, também, que à ciência e seus representantes é preciso conceder o tempo e o espaço necessário, segundo sua realidade materialista, para que realizem o trabalho e esgotem todas as hipóteses. O exemplo da Metapsíquica, de Richet, que avançou e, enquanto esteve o seu chefe vivo, comprovou em tudo o que trabalhou, a Doutrina de Kardec, é por demais evidente para o profes-

sor. Entende que o silêncio da Metapsíquica, ou seja, a sua inércia e morte após a passagem de Richet, pode ocorrer e, de fato, vai ocorrer na era pós-Rhine<sup>3</sup>, mas que, enquanto ela está viva, deve-se apoiá-la, estudando-a e difundindo-a, por ser de grande valor para as teses espíritas e a sociedade. Daí, afirmar:

*Não é justo, pois, acusarmos os parapsicólogos de medrosos por avançarem vagarosamente, nem os acusarmos de temerários quando arriscam interpretações como a extrafísica de Rhine ou a materialista de Vasiliev. <sup>(1)</sup>*

Para a síntese do conhecimento humano que é o Espiritismo, a presença da Parapsicologia ocorre como um apoio indispensável. O professor não a vê como um corpo isolado, em meio a tantas especialidades científicas, mas como o membro de um corpo maior. Sua visão vai além das fronteiras que dividem o saber, para alcançar o conhecimento em sua amplitude possível. Tudo parte da unidade para a diversidade, para, depois, retornar à unidade. Essa visão filosófica é, em si, a síntese fundamental. A Parapsicologia comprova os fatos que o Espiritismo apresenta como verdadeiros. O Espiritismo já os comprovou, através de inúmeras pesquisas bem fundamentadas, mas a comunidade científica ainda os desdenha e, quando os toma para análise, entende que os métodos e os instrumentos de pesquisa precisam ser atualizados, o que significa que as pesquisas realizadas no passado não são aceitas como prova definitiva. Esta posição defendida por boa parte da comunidade científica causa um certo desconforto à Doutrina, especial-

---

<sup>3</sup> Infelizmente, consta que desapareceram todos os arquivos das pesquisas de Rhine, na Duke University, onde ele trabalhou durante muitos anos.

mente à sua expansão; daí ser preciso superá-la, estimulando aqueles que retomaram as pesquisas e exaustivamente analisam os fenômenos psíquicos e psicofisiológicos. A ciência parapsicológica é, para o professor, a própria ciência espírita, desdobrada, ocupando um espaço público importante, da mesma forma que o era a ciência metapsíquica e as demais pesquisas, embora isoladas, de um punhado de homens sérios e detentores dos mais elevados títulos, como William Crookes e outros. Na visão de Herculano Pires:

*A ciência espírita é um organismo vivo, de natureza conceptual, estruturada em leis psicológicas, ou seja, em princípios espirituais e racionais. (IX)*

Onde quer que haja um pesquisador isolado, no silêncio de sua solidão, ou um grupo de pesquisadores, estudando e analisando os fenômenos de ordem psíquica e psicofisiológica, aí, por certo, estará se desenvolvendo a ciência espírita. Desde Kardec, que deu forma e método à ciência espírita, os fenômenos de sua alçada vêm sendo, com mais ou menos intensidade, estudados. O professor olha para essas pesquisas e entende, de pronto, que elas exigem o respeito dos estudiosos sérios e honestos, a compreensão dos curiosos e o sentimento de gratidão dos espíritas de hoje, entre os quais existem aqueles que se deixam embalar nas águas dos negadores do valor daquelas experiências, para afirmar que a ciência espírita é uma balela, não existe. Herculano estuda a trajetória histórica do problema científico em relação à Doutrina, descobrindo que, embora tenha havido uma baixa de interesse e trabalho nessa área, fenômeno perfeitamente explicável pela falta de homens dispostos a uma ação científica aí, entende que a ciência espírita nunca esteve completamente paralisada. Seus olhos atentos localizam nesse espaço de tempo a diversidade na unidade e as direções tomadas pelas experiências. E esclarece a questão

dizendo, enfático:

*A verdade é que não houve solução de continuidade na investigação, mas simples diversificação das experiências em várias áreas culturais, acompanhada de renovações metodológicas. A ciência espírita projetou-se em direções diversas, desdobrou-se em outras coordenadas e deu nascimento a outras ciências. (IX)*

Até o aparecimento do Espiritismo, os fenômenos psíquicos e psicofisiológicos não ofereciam preocupação científica e jamais foram objeto de pesquisa metodológica, para conhecimento de suas causas. Quem deu esta direção a esses fenômenos foi o Espiritismo, com Kardec. Daí a existência real da ciência espírita.

E ela surgiu até antes da formulação doutrinária. Apareceu quando Kardec imprimiu ao fenômeno das mesas girantes, aos quais resistiu intensamente, o processo de análise racional, fazendo repetir os fatos cansativas vezes, controlando suas manifestações e eliminando, paulatinamente, as possibilidades de interferência estranha, de médiuns e assistentes e, inclusive, de forças outras, para, então, concluir que, por trás daqueles fenômenos estavam, de fato, inteligências de personalidades fora do contexto visível da humanidade. Eram elas que intervinham e provocavam os fenômenos. Eis como, para o professor, a ciência espírita antecedeu até a própria doutrina, sendo, por isso, uma realidade inegável. E a projeção a que alude o professor, acima, contém em si a visão de que a ciência espírita não se restringe, apenas, aos fenômenos psíquicos e psicofísicos, mas desdobra-se em todas as outras especialidades científicas, que, de uma forma ou de outra, têm no ser humano um ponto de convergência.

*Em meados do século XIX às portas do grande avanço científico do século XX, os cientistas ainda não percebiam a sua total ignorância da estrutura real do planeta, de suas várias dimensões físicas e de sua população oculta. <sup>(X)</sup>*

Essa realidade foi mostrada pela primeira vez pelo Espiritismo. A revelação da existência de uma população oculta ou invisível constitui uma das contribuições mais valiosas que a Doutrina apresenta com inequívoca originalidade, informação esta de inestimável valor e que possui implicação direta com a sociedade humana do planeta.

Ao abrir as portas do mundo invisível, a doutrina possibilita outras inúmeras descobertas aos interessados nas pesquisas científicas.

*As ciências sociais têm uma grande contribuição a dar ao estudo do Espiritismo. Quem viu isso com mais clareza, segundo nos parece, foi Ernesto Bozzano. O grande discípulo italiano de Herbert Spencer, profundamente ligado ao desenvolvimento dos estudos sociológicos, uma vez atraído para o campo dos estudos espíritas, soube aplicar a este o conhecimento adquirido em outros campos. Seus trabalhos sobre as manifestações supranormais entre os povos selvagens, publicados na revista milanese “Luce e Ombra” em 1926, posteriormente reunidos no livro “Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali” representam uma das mais poderosas contribuições para o esclarecimento histórico do problema espírita. <sup>(VIII)</sup>*

O professor tem, como se vê, uma visão científica do Espiritismo. O que poderia ser visto como uma posição controvertida e fanática, é, de fato, uma posição unitária, construída a partir da análise dos diversos campos do conhecimento nos quais toca o Espiritismo. Herculano tem um uma pos-

tura dialética<sup>4</sup> o tempo todo, aliada a uma capacidade admirável de enxergar essa espécie de fio de Ariadne, que leva o estudioso dos fatos às causas e, do ponto de vista da Doutrina Espírita, a entender o conhecimento como uma tese de toda a manifestação cultural do mundo.

Como professor, seu objetivo é passar isso para o aluno. Para tanto, utiliza-se do método indutivo, estimulando o aluno a avançar e descobrir por si mesmo; e complementa esse método com o objetivo pelo qual, diante da incapacidade momentânea do aluno, apresenta os fatos em sua forma concreta, explicando-os.

*Se a ciência espírita não se desenvolve entre nós, a culpa é exclusivamente dos homens de recursos, que preferem endereçar suas contribuições para as obras assistenciais, com os olhos voltados para a conquista de um pedaço de céu depois da morte. <sup>(X)</sup>*

Aqui, o professor dirige sua análise especialmente para os espíritas que poderiam dar grandes contribuições à cultura, mas, infelizmente, movidos pelo sentimento admirável da caridade, só conseguem vê-la em obras assistenciais, que mitigam a fome, solucionam o problema do frio, mas, sem o amparo da cultura, não conseguem preparar o Ser para sua função importante no mundo. Para que isso possa ser modificado será preciso que os homens de posse percebam a importância de uma delas: a caridade cultural, carente de atenção tanto quanto os outros tipos de caridade e onde o apoio é tão ou mais importante.

---

<sup>4</sup> Dialética: arte de raciocinar, argumentar ou discutir, bem como aquele modo de filosofar que busca a verdade por meio de oposição e reconciliação das contradições. (*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.*)

*Os serviços culturais continuam à míngua, sustentados apenas pelos que dão seu tempo, sua vida e seu sangue para a sustentação da cultura espírita. Certas instituições gastam os seus recursos em aviltamento da doutrina, com a produção de obras espúrias a serviço da mistificação. Respondem por essa situação precária da Ciência Espírita todos os que preferem os juros bancários ao desenvolvimento cultural.* <sup>(X)</sup>

A questão atingiu um ponto muito sério, aqui apontado por Herculano, qual seja, a existência de instituições espíritas cujos dirigentes dão grande ênfase à caridade ao mesmo tempo em que juntam dinheiro em contas bancárias, em aplicações financeiras em busca dos juros, esquecidos, porém, de que a cultura espírita precisa de apoio. E constata o professor aquilo que ainda hoje é visível: os “serviços culturais” prosseguem sendo sustentados, em boa parte, por aqueles que “dão seu tempo, sua vida e seu sangue”, não podendo dar o dinheiro por não possuí-lo. A questão da existência e propagação de “obras espúrias” é, talvez, tanto hoje quanto ontem, um fato incontestado e preocupante. Gastam-se vultosas somas na publicação de obras desnecessárias e nega-se apoio a outras doutrinariamente importantes.

*O processo civilizador é um esforço contínuo de aperfeiçoamento e adaptação. Os homens aperfeiçoam sua cultura pelas conquistas dos mais aptos e esclarecidos, mas, ao mesmo tempo, procuram adaptar a maioria menos apta às novas condições de vida que vão surgindo. O ímpeto dos vanguardeiros é contido pela inércia da massa.* <sup>(XXII)</sup>

A necessidade de formar e esclarecer homens é uma tarefa do Espiritismo, apesar da passividade dos que não conseguem alcançar a importância da cultura. Herculano viu isso com tamanha nitidez que procurou, em tempo integral,



fazer notar àqueles que o estudavam a necessidade de se aliarem para essa luta.

*Existe um tipo especial de preconceito que dificulta a compreensão do Espiritismo em nosso país. É o que podemos chamar “preconceito cultural”. Numa nação nova como a nossa, sem tradição cultural suficiente, com imensa massa de analfabetos, pontilhada aqui e ali de pequenas ilhas culturais, é grande o receio dos intelectuais, de caírem no ridículo perante os seus colegas do exterior. (XIX)*

Herculano, como educador, conhece a realidade do educando e sabe que ele deve ser atendido de acordo com sua capacidade potencial. É por isso que a Educação Espírita se torna, para o professor, uma outra paixão. Como veremos a seguir.

